

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

O Ministerio dos “Finados”

D. Sebastião e o seu nevoeiro — O regresso do senhor dr. Afonso Costa — O que pensam os seus amigos — As ideias dos adversarios — A atmosfera em dia de finados

Foi em 2 de novembro quando os sinos soluçavam em seus campanarios que correu larga e intensa a alegria no partido democratico. Era dia de finados e como sempre os politicos vibravam ao contrario do país. Nas egrejas rezava-se pelos mortos, nos cemiterios ajoelhava-se e chorava-se; nos centros demagogicos ria-se porque o senhor Afonso Costa deliberara vir governar os seus subditos.

Sabe-se como se deu esta decisão do exilado voluntario de Paris. Insinuaram os seus partidarios ao senhor presidente da republica para o convidar oficialmente, e o chefe do Estado, receoso duma recusa, declarou ser melhor consultarem-no particularmente os seus amigos afim de não sofrer melindres no seu cargo desde que o politico deliberasse não vir. De subito chegou a noticia da reviravolta; veio o telegrama em que acedia ao desejo dum intimo e logo, a descoberto, de Belem, partiu o convite oficial. A politica ganhava o senhor doutor; o presidente da republica perdia a sua linha, pela primeira vez, desde que ocupa o cargo. Nas suas calças, vincadas em Londres, nasceu uma joelheira.

Finalmente, aquele por quem os seus adeptos suspiravam e a quem os adversarios chamavam D. Sebastião, veio. O auctor deste Alcacer Kibir republicano rompeu da sua nuvem e surgiu. Chama-se a isto correr para o seu destino. Daí a alegria, o estralejar de foguetes, os abraços entre os fanaticos emquanto, docemente, no cair da tarde, os sinos tangiam pelos mortos.

Cautelosamente a pessoa que recebeu o telegrama, o seu amigo Germano Martins, um dos premiados na loteria da casa Costa com o logar de director geral, para que lhe faltam os meritos, foi dizendo que

o grande homem levaria tempo a salvar o país e que não vinha lançar um repto aos seus adversarios, se os teem!

Na linguagem popular corre uma alcunha, aplicada, como um doloroso sinapismo, ao dorso deste dilecto do senhor Afonso Costa. Provou a verdade com que o povo costuma achar estas designações ao dizer aquelas ultimas palavras: «Adversarios, se os teem!»

Ora analisemos a situação do senhor dr. Afonso Costa diante do país e diante de todos nós.

Em tempo, poudes considerar-se o soberano da rua; era o idolo, era o adorado. Passava no seu automovel-reclamo entre saudações como D. Miguel no seu cavallo de torneio. Era o filho dilecto do favor popular. Representava, nessa fermentação politica que hoje se pretende atalhar, a parte mais activa da dissolução. A sua bôca proferia as insolencias ferozes nos seus ataques aos inimigos, aos monarchicos; a sua pena assinava sentenças contra os bispos e por cada parente que nomeava calava a voz dos criticos, esmagando uma irmã de caridade. Sabia adaptar-se à feição arruaceira, ser inclemente para com os vencidos, lisongear a rua que o julgava audacioso, valente, hereje, pobre, amigo do povo. Mas, de repente, desmanchada com o primeiro tiro, a sua barraca de illustre fantoche, ele appareceu em toda a sua verdade aos olhos do povo espantado. Perdera, no escuro duma noite no Porto, entre dois officiais, pasmados tambem, a aura da sua coragem; diante dos santos litografados que Lisboa viu sair da sua casa destrocada fahou-lhe a heresia, a fama das suas opulencias feriu os inimigos dos plutocratas e quando, de dentro dos muros de Elvas, gritou contra a cidade onde reinar em absoluto acabou com o resto da sua gloriola.

Esta é a historia pregressa, aquella que queriamos apagar da nossa razão e da nossa lembrança, com as amarguras das perseguições, o arrombamento das portas do nosso lar pela madrugada, em nome dele a policia tonta na trilha dos nossos passos e dos nossos amigos, os nossos jornais partidos, tudo porque um homem o desejava no seu gesto largo, inclemente, tiranico. Maus dias correram para Portugal, alegrias sem par encheram a alma dos democraticos, mas, porque a nação o quiz e conspirou, porque deu tiros e respirou desoprimida, os maus dias volveram-se para ele e para os seus adeptos, ingratos que não o foram vêr à prisão, que o deixaram abandonado, sugeito apenas à clemencia do vencedor.

Repito, esta é a velha historia; quero esquecê-lo de vez até que se renove porque os homens não modificam seus temperamentos e a prova está na situação que o senhor Afonso Costa nos creou na conferencia da paz, quando viu perdido todo o esforço nacional, o sangue, o dinheiro, a mocidade, tudo quanto deramos ao estrangeiro sem compensações. Em arrancos comicieiros, depois de vêr por terra o seu mercado, clamou em improprios, em dislates.

Não se modificam temperamentos e por isso Clemenceau, a quem chamam *O Tigre*, por sua garra solida, o olhou com sarcasmo, ao vê-lo dirigir-se-lhe em busca dum auxilio. Sem parar, acenando-lhe com dois dedos, assim o tratou:

— *Adieu, mr. l'incendiaire!*

* * *

Incendiarario ou não, o senhor Afonso Costa voltou. E' com uma grande modificação que chega, afirmam os seus amigos. Não parece o mesmo,

tem a experiencia de Paris e mais cabelos brancos. Se poude domar-se até à fronteira, uma vez cá dentro, voltará à mesma. Tambem D. Miguel vinha transformado de Viena; até aprendera a cortejar as senhoras e a falar francês, mas, ao chegar e ao ouvir os moleiros do Caramão, os chanfaneiros da Ajuda, os matulotes alfamistas a dar vivas ao rei absoluto e á nobreza de cocoras a servi-lo, atirou fóra a capa à *hussard* e vestiu a jaqueta; pegou-se de garra com o *Cambaças*, com o sota Leonardo e com o *Tarrabuso* e as forcas ergueram-se. Era o cheiro da patria que lhe dava o sentir da sua mocidade, que o fazia regressar à sua educação antiga toda espicaçada pelos aulicos.

Parece um paradoxo comparar estes dois seres, o do trono e do barrete frigio, pois não o é. Ambos foram legitimos reis da rua. Um, no exilio e na pobreza, jamais perdeu a sua cõrte sentimental de população esmagada; o outro, na proscricção rendosa e querida a que se votou, viu fugir-lhe a popularidade.

E' crível que ela regresses e que em volta do seu carro o *Pintor*, o *Ai ó linda*, o *Córadinho*, o *Marques das Barbas* apareçam delirantes; é possível, tambem, que não. Se perdeu a simpatia destes elementos faltalhe a sua melhor materia prima. O menos que lhe chamarão será traidor; e, de seguida, novo rico.

Entalado entre um acto de fuga dos seus antigos principios e uma burra atulhada de bom ouro, colocada no estrangeiro, o idolo espalmar-se ha.

Ha ainda os que imaginam, num determinado individuo, qualidades de milagreiro e que o abandonam e o apredejam quando deixam de acreditar em seus sobrenaturalismos. Esses terão a sua hora de increpações e de coleras contra ele e como os persas, adoradores do sol no alto, lapidalo-hão em seu declinar.

As ligações conhecidas do politico com a alta finança, as suas amizades no grande comercio, após o contracto da *Furness*, de que não ficou copia em Lisboa, nos ministerios, erguem contra ele a desconfiança dos pequenos, dos humildes, dos que não vivem da teta do Estado. O ministro ou serve os especuladores e não modifica o mal estar ou ataca-os e eles se encarregarão de lhe fazer a guerra terrivel e tenaz de verdadeiros detentores dos valores politicos a quem pagam e os quais influem nos clubs onde peroram.

Alem disto, o proletario detesta, execra—é o termo—esse homem das promessas tornado no plutocrata, recorda os seus insultos feros e os tiroteios contra os famintos. Os monarchicos e os catholicos não esquecem os porões nem os calabouços e são—mesmo os que se coíbem em suas expansões—tão seus inimigos ou mais, do que os irades expulsos o eram de Joaquim Antonio de Aguiar.

Isto já seria bastante para dificultar a marcha ao novo governante. Equivale a um matagal erriçado no qual pretenda caminhar de pernas nuas.

A defrontá-lo estão, porém, ainda outros adversarios terriveis; os politicos que relembram as horas amargas passadas de joelhos sob os seus gestos senhoriais; vivem os que preparavam a revolução contra ele quando Sidonio fez a sua: Sá Cardozo, Olavos, Ramada Curto, Joaquim Ribeiro, Artur Leitão, Peres Trancoso e, alem de todos, Bernardino Machado, um numero enorme, na sua velhice ardente, avida de desforra. O senhor Afonso Costa tratou-o rudemente; jamais lhe deu a compen-

sação, apoz a queda do sidonismo, a que não se negou ao mais simples amanuense.

O culpado maximo da atmosfera creada, na qual foi possivel disparar as espingardas e vomitar a metralha, era o presidente do conselho; a sua principal vítima foi o presidente da republica.

Expulso do país, tornado uma caricatura dos chefes dos estados insalubres do golfo americano, ele, sempre esperou a hora e quando julgou ir ouvi-la, senti-la boa e proveitosa foi a outro que o chefe democratico mandou subir à cadeira presidencial.

Imaginam, esses singulares demagogos, que a agua letica é dessentio da sêde da Justiça? Enganaram-se. Nem o ex-chefe da republica a bebe com o seu leite do almoço.

Existem, por esse país fóra, os encarcerados de outrora, os republicanos que viram as ratazanas dos porões do *Malange*, os sindicalistas dos fortes de Caxias e da Ameixoeira, e os radicais, que constituindo na sua maioria, uma facção dissidente dos democraticos, são hoje os seus peores inimigos. Conseguiram libertar-se e pôr-se de pé, não quererão dobrar de novo os joelhos. Os nacionalistas, apesar de plutocratas, combatem-no, com furia ao sentirem as finanças em suas mãos arteiras.

Mas, é caso para se perguntar, com que apoio contará o homem tão desejado, aquele a cujos pés todos os seus amigos, desde o presidente da republica ao *Faneca* do grupo dos 31, abdicam de seu sentir para o proclamarem quazi dictador?

E' certo que os fanaticos e os amorosos acreditam em sortilegios e em elixires, em pós mágicos e só com eles o «redemptor» poderá dar-nos a salvação. Não terá outros auxilios: nem monarchicos, nem sindicalistas, nem catholicos, nem anarquistas, nem nacionalistas, nem radicais, estarão a seu lado. O commercio, a alta banca, a moagem, os do negocio fugir-lhe-hão desde que lhes mexa e sem lhes tocar não poderá realizar a obra de defeza do povo. Com que contam neste caso? Para que o chamarão? Já não tem as simpatias da turba; as mulheres detestam-no, os padres odeiam-no, os operarios amaldiçoam-no, os militares graduados recordam-se dos seus ataques, os aldeãos relembram as grandes levas da morte para França, os mutilados olham, chorando, as suas miserias e as suas cicatrizes, o país estremece à sua chegada como a dum terremoto que por mais anunciado não se acredita nunca senão quando se vê, se sente, no seu rugido, no seu efeito.

O senhor Afonso Costa chegou; veio rompendo o nevoeiro que o envolvia. E' alguém pois na politica de lacaios, é o senhor. Isso basta. Póde combater-se e aplaudir-se. E' alguém que traz esperanças aos idolatras e coleras às suas vítimas. Mudou? Veremos... O momento não é para retaliações mas para exposições do passado que oxalá o futuro desmintá.

E eis tudo, no instante em que os democraticos lançam foguetes e os sinos, delorosamente, tangem, neste 2 de novembro, dia de finados

A "trucaçgem" da Democracia

Um engano de termos — Democracia e "Democracice," — As falsidades e os falsarios — O que penso dos Democratas — A burla do vinho do Porto

O meu velho amigo Gustavo de Matos Sequeira, que sempre conheci leal e bom, tornou-se num critico de arte e sobretudo num admiravel continuador da obra do Visconde de Castilho sobre Lisboa antiga. Usa mesmo em sua prosa a leveza tão difficil de espalhar nas paginas das rebuscas e, por vezes, uma graça natural que areja o levantar das lousas bafientas.

Pois bem; este meu antigo camarada, este meu confrade na Academia, este meu amigo de sempre, falhou na apreciação feita, no *Mundo* a respeito dos *Fantoches* quando escreveu:

«Rocha Martins, sempre na brecha, atravessou o classico parenthesis de produção librêscã dos meses de verão, publicando com uma pontualidade astronomica os seus Fantoches e esgrimindo contra a «Democracia» com uma mal empregada e extenuante energia, e criando até adversarios para alvo das zargunchadas politicas, quando elas lhe faltam.

Poderá estar tudo certo; ha, porem uma cousa que considero um erro palmar em tão atilado critico. E' quando me vê «esgrimindo contra a «Democracia».

A primeira cousa que eu precisava, para poder ser o seu adversario, era vê-la porque não pertenco á escola quixotesca de topar cavaleiros em moinhos. Onde está — oh! Matos Sequeira! — a Democracia da qual me apontas como inimigo? Eu ainda a não vi. Democracia, presuppõe a idea duma sociedade com leis dignas na qual os cidadãos não se lancem no tumulto, esteja cada qual em sem mister, arvorando direitos mas cumprindo deveres. Portugal é uma democracia?! Não é. Existe, é certo, um partido democratico, mas tambem em Hamburgo ha uma fabrica de vinho do Porto.

A Democracia — e tu bem o sabes oh! rebuscador de cartapacios valiosos! — é o sonho dos idealistas, como os de 20, perdido depois no balburdiar das turbas; é a ancia dos enciclopedistas de 93 mergulhada

no sangue. Quando se pode salvar das mãos ignaras, a Democracia avança; dando-se o contrario vem um soldado e desbasta-a: D. Miguel ou Bonaparte. Dois abismos entre si com um gesto semelhante.

Saída das bibliotecas para os parlamentos ela é sagrada e alta, e um monumento como na Inglaterra monarchica, como na republica Suissa e como na França onde existe, embora com sua tintura de aristocratismo e de elegancia. Contra estas democracias não sei eu combater. Elas formam, até, a profundeza do meu ser; elas são como uma luz que me faz vêr o meu concidadão no seu logar sem que me atreva a usurpar-lho. Teem muito de santo; fui, romanticamente, um democrat antes de o ser positivamente. Por isso, quando eu combato, não é a democracia que firo, porque ela não vive em Portugal senão como essas falsificações que tanto nos irritam: as do vinho do Porto de Hamburgo.

Onde é que estão os democratistas? Nota que não falo naquelles que por trazerem ao pescoço a coleira dum centro se julgam republicanos: democratistas como ha individuos que só por terem recebido o baptismo se imaginam a praticar virtudes cristãs. Onde está a Democracia contra a qual eu ando esgrimindo? Oh! meu pobre amigo, eu calculo bem o que querias dizer, adivinho-o e agradeço-to. Onde escreveste Democracia que rias dizer *Democratice!* Era o teu sentir: eu andar esgrimindo contra ella «com uma mal empregada e extenuante energia». Isso sim. E sabes porquê? Pela mesma razão que combato sempre todos os falsos sentimentos. A republica em Portugal não é governada por bons cidadãos: não passa duma mentira que se quer dar um titulo que não lhe pertence. Logo, eu não combato a Democracia — oh! Gustavo — mas os que andam desacreditando.

Ora sempre te quero perguntar o que farias se fôsses comprar um móvel antigo, por exemplo uma cadeira attribuida ao espolio do marquez de Pombal, e te dessem a poltrona coçada do senhor Afonso Costa? Sim o que fazias?! Não chegariam as colunas do *Mundo* para desancar o *bric-a-braquista* intrujão. Não é verdade? Pois é o que eu faço quando vejo esta *trucagem* pelintra da Democracia. E olha que procedemos ambos muito bem em não nos deixarmos enganar.

O segundo capitulo d'um movimento de espadas

O gesto dos militares do Porto — O que se fez
no 14 de maio — Um civil salvando uma situa-
ção difficil — Como casu a dictadura pimentista
Um brado sem fundamento

Correu por ahí que os comandantes dos corpos da guarnição estiveram para ir a Belem, em nome dos seus officiaes, fazer sentir ao presidente da republica o mau caminho da politica. Eu não acredito.

Quando verdadeiros militares tomam taes deliberações actuam e não perdem em palavras os momentos á acção destinados.

Ainda ha dias, no Porto, os officiaes deram um passo em frente sem ser a toque de corneta. Existe na capital do norte, como por todas as terras do paiz, uma minoria d'alguns ferradores, azeiteiros e antigos sarchistães que detem em suas mãos o que chamam a opinião republicana local. São eles os sustentaclos dos clubecos nos varios departamentos conselhos, em vilorias e valados e tem audacias diante da subserviencia dos governantes incapazes de descontentar os partidarios com medo do seu berreiro nos congressos. Pois bem; alguns desses siderotechnicos, almocreves e escorropicha galhetas, deliberaram pôr fóra do comando da divisão do Porto o general Sousa Rosa, deputado democratico, republicano antigo e que tem entrado em todos os movimentos constitucionaes em logar de destaque. Transmitida ao governo a vontade dos conspicuos cidadãos, lançada em telegrama para Lisboa, immediatamente os officiaes dos diversos regimentos apareceram no quartel general fazendo a peremptoria declaração de estarem ao lado do seu chefe. Chegou a vez ao ministro da guerra. Antonio Maria da Silva — meu Deus a que mãos chegou a pasta de Antonio Maria Fontes! — insinuar ao demissionario, seu parceiro no partido e seu auxiliar, para solicitar a demissão ao que ele respondeu terminantemente, aguardar que tomasse ele — chefe do exercito — oh! ceu a que chegou em Portugal, — o bastão de Saldanha! — a resolução que lhe indicava. Não se atreveu o escalracho da sepultura d'um cabo de d'esquadra, tornado gran cruz da Torre Espada e primeiro ministro, a tocar no general. Porquê? Porque

sentira firme, solida, unida, n'uma solidariedade de classe, os officiaes daquela divisão.

Se deste modo tivessem procedido os de Lisboa não haveria o intermedio ridiculo de estar a discutir as suas tendencias e atitudes.

O exercito ou recebe ordens ou impõe-nas. Nas sociedades decentes, onde estão em seus logares os superiores, os dirigentes, o exercito é o fiador da ordem, é o defensor das fronteiras e do prestigio do paiz; nas camadas corruptas, o militarismo ou é o factor de mais desordem ou a garantia de se jungirem a deveres aqueles que os olvidam.

Portugal, é hoje um campo corrompido, esterçado por vermina, de cuja podridão florescem as mandantes. A' sua volta o exercito espera que lhe dem a sahida para as paradas quando um sargento, saltando por cima dos officiaes, não o conduz á revolta. Conheço, admiravelmente, a decomposição das fileiras; sei das faltas de camaradagem, aprendi, de ha muito, a contar com os homens pela sua acção e encontrei, quasi sempre, amorfismo na colectividade militar a tratar-se de revoltas. Estive ao facto de todo o bastidor do movimento das espadas e sei como, só porque se deram alguns tiros no mar, tantos ferros brilhantes resvalaram no escuro de suas bainhas. Ah! mas sei mais, muito mais que me deixa desolado e descrente e a scena acode-me com o vincado rijo d'uma agua forte.

Era na manhã de 14 de maio. Na sala modesta da residencia do general Pimenta de Castro muitos officiaes esperavam a deliberação do conselho de ministros. Ouvia-se nessa residencia, do Campo de Santa Clara, o ribombar dos canhões de bordo e a certa altura o ministro da marinha, um bravo, acercou-se com um papel na mão e disse:

— Precisa-se, senhores officiaes, d'um homem de boa vontade para ir a Belem entregar esta ordem de guerra ao comandante do submersivel *Espadarte* . . .

Sucedeu uma calada enorme á voz do contra almirante. Machado Santos, n'um canto, os olhos luzentes, por detraz dos oculos grossos, parecia lamentar não poder ser ele a tomar essa resolução. Mas era muito conhecido para chegar até á doca de Belem, onde o primeiro tenente Almeida Henriques guardava o seu navio.

Como não se ouvisse uma resposta, o ministro tornou:

— Eu vou dizer a v. ex.^{as} do que se trata. E' da salvação do governo e da nossa obra de ordem. A artilharia de terra vae começar o bombardeio: o *Espadarte* secundal-a ha ajudando a meter no fundo os navios revoltados. Este papel tem que chegar às mãos do comandante . . .

Se fosse possivel tornar mais pesado um silencio — propriamente o dos tumulos, onde as larvas rumorejam,—seria aquela a calada máxima.

O velho continuava com o papel estendido, ninguem lhe pegava; os militares estavam palidos, olhavam para os bicos das botas. Então o marinheiro olhou em roda. Toda aquela gente se comprometera, oferecera a sua espada ao general e agora hesitava, parecia repelir a acção energica de defesa de força e de decisão. Machado Santos, vermelho de colera, suplicou a um amigo que ali estava: Se tu fosses . . .

Jaime Teixeira, um elegante, rapaz de sociedade, republicano de linha correcta, apenas murmurou: Pois sim . . .

E esse civil sem alardes, metendo a ordem n'uma caixa de fosforos foi servir de ajudante de campo ao ministro da marinha Xavier de Brito.

Ora eu sei isto e muito mais e, se o não soubesse, bastava-me ter

lido a carta, ha pouco publicada, do meu amigo major Ferreira do Amiral na qual falava de «oficiaes delactores» de condecorados sem o merecerem; de «acochados», para ficar á espera d'uma cousa muito diferente do que se annunciava.

Ora suponha-se que Primo de Rivera largava da sua capitania, com alguns camaradas e ia a San Sebastian dizer a Afonso XIII que as cousas não lhe agradavam. Naturalmente teria verificado as fortalezas das Canarias em vez de controlar as das taboas do throno hespanhol.

Em Portugal ninguem se mexeu. O presidente é que deliberou visitar os quartéis onde ouviu só toques de unir para as formaturas porque o governo ordenara que não se fizessem discursos.

E todos esses homens, descontentes da vespera, obedeceram e calaram-se. D'ahi o não acredita, no seu proposito. Já se vê que ou nunca tiveram a intenção de ir a Belem, ou, se acaso nisso pensaram, tratar-se-hia, por exemplo d'uma reunião familiar no *Antonio das Caldeiradas*.

O poder da Companhia do Gaz?!

A falta de luz e a Camara — O que motivou a minha ausencia das assembleias — O Gaz e o seu mando — A proposta do dr. Alberto Navarro — Uma quadrã da «Viagem á Roda da Parvonia»

Dirigi, ha dias, uma carta á Companhia do Gaz, que, como se sabe, monopolisa os serviços da pseudo iluminação publica, sem atender a fiscalisação camararia que é devida a quem prevarica diariamente.

Com a força dos seus apaniguados, dirigentes e protectores, ella tem tripudiado. Diante da sua omnipotencia, teem-se curvado todas as vereações. Ha pouco ainda isso succedeu; nessa hora deixei de ir ás sessões da Camara Municipal e não voltarei, talvez, a ocupar um lugar onde sou inútil.

O que eu escrevi á direcção da Companhia privilegiada era uma queixa triste de um consumidor prejudicado diariamente; o que tenho a dizer ao publico é a conclusão dessa carta.

Quando tomei posse do meu lugar de vereador da minoria, na Camara de Lisboa, tinha uma grande vontade de trabalhar; senti, porém, que a maioria — arranjada por singulares actos eleitorais — guardava para si os pelouros e compreendi não dever colaborar numa simples fiscalisação, de resto tão inane, quanto é certo que quem manda, sempre faz o que quere.

Chegou-se á questão com a Companhia do Gaz, que não cumpria os contractos, elevava, para onde queria e até onde queria, as suas tarifas e apenas um vereador, um unico, o meu amigo e distincto advogado sr. dr. Alberto Navarro, soube verberar, com vigor, com ardencia, com a vehemente maneira de um paladino do povo espoliado, as extorsões da Companhia. Eu retirei-me, para não dar á minha catilinaria, que seria peor, o ar irritante de um desacordo com a minoria. Retirei-me, e não volto senão quando aquilo que Navarro propoz, se realisar: o combate a esse e a outros ramos plutocratas que tripudiam á larga sobre o consumidor.

As ruas de Lisboa não teem luz, aos edificios publicos succede o mesmo, de quando em quando, apaga-se a electricidade na cidade e nos arrabaldes e fica tudo na mesma. Quando se imaginou empregar os meios violentos, mas legais e necessarios, quando se quiz actuar contra quem

não cumpria, houve a hesitação, a contemporisação, a falacia com os dirigentes desse sindicato culpado.

Eu não tinha que me pronunciar mais. Deixei-os conversando. Teria sido duma simplicidade enorme seguir o processo pelo dr. Alberto Navarro aconselhado, e lá se chegará sem duvida, para que Lisboa não fique iluminada apenas nas noites de luar. Argumentavam comigo, receava-se contribuir para essa treva.

Dizia-lhes que seria facil gerar a claridade. Bastava que o governo dispuzesse de alguns fogueiros da armada, para não deixar apagar os geradores e de alguns guardas republicanos para conduzir a S. Julião da Barra os incitadores a qualquer resistencia. O operariado do Gaz não faria a greve, mas, se a tentasse, os marinheiros resolveriam o resto junto das caldeiras. Hesitou-se; tiveram a compostura de pessoas comedidas, os revolucionarios da maioria que até pareciam graves eleitos dum conservantismo estrambotico. Era ministro da marinha, e grande preponderante da Companhia, o sr. Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, agora em demanda de um porto onde amarre a sua nau de interesses. Os marinheiros não podiam ir contra um seu superior? E' certo que talvez para Lisboa não ficar ás escuras, talvez porque os membros da comissão executiva são pessoas complacentes e ponderadas, os contractos continuaram na mesma e julgo que se tem até agravado essa treva lisboeta. Já digo que me afastei — talvez para sempre — da vida camararia, onde não aqueci logar porque não nasci para fiscalisar cousas tão exquisita que até os proprios dirigentes se veem queixar, nas assembleias, da falta de auxilio dos empregados municipais, ao mesmo tempo que da Companhia do Gaz a qual conforme se prova — mais uma vez — não salisfez os seus compromissos. Não é com branduras nem com suavidades que se governa contra esses dominadores dos monopolios, nesta epoca de interesses maximos. O processo era o que Navarro queria é inutil. O protesto porque é tão antigo o habito da pouca luz na capital, que já, em 1879, na *Via-gem á Roda da Parvonia*, se cantava no Ginasio:

*Quando o mundo estava em trevas
É o fosforo em Santa paz
Sabem quem fazia noite?
A Companhia do Gaz!*

Os radicais e o seu manifesto

Os parasitas da nação—Idéas que terão curso
—As plutocracias e as tentativas contra elas
—Os políticos seus cúmplices—Um radicalismo
sem sequazes

O partido radical endereçou um manifesto ao país e numa das suas asserções está perfeitamente de acôrdo com os monarquicos e com os sindicalistas. É quando se refere «às fortunas pessoais—constituídas nas explorações—e, que, para cúmulo da desgraça nossa, se depositam no estrangeiro, receando uma súbita liquidação justiceira.»

Ha pouco tempo, ainda, um autentico jornal monarchico verberava essa aglomeração de capitais por processos ilicitos, marcando-os como a base incontestavel da carestia e, pela sua emigração, dos nossos mais aflitivos males. O orgão do proletariado diariamente os combate e nas consciencias de todos os que trabalham, seja qual fôr seu mister, se acentúa esta verdade indiscutivel: andam seis milhões de alimarias puxando à nora para dessedentar mil habilidosos.

Não ha quem deixe de sentir esse terrivel caminhar para a espoliação completa. As fortunas assim adquiridas e multiplicadas, os milhões dêsses exploradores do povo carêcem de voltar à sua origem. Era a isto que o sr. Antonio Maria da Silva, antes de ser governo, chamava «as fortunas vertiginosas»; chegado ao mando olvidou-as. Pelo seu processo deixou a moagem mais rica e mais à vontade; garantiu os sugadores, transigiu com os devoristas. É um reu; é o primeiro reu, porque tendo o poder e conhecendo os males, tendo-os apontado os deixou redobrar.

Ha, pois, tres partidos concordes na necessidade dessa averiguação; tres grupos que filiam os desastres nacionais, em grande parte, na acção dos que fizeram fortunas com a guerra e as continuam na especulação das nossas miserias. Os outros dois agrupamentos ou fazem como o democratico: animam a plutocracia; ou como o nacionalista: calam-se, aproveitando. Um grande numero de plutocra'as deve a esses partidos e aos seus homens a boa ventura que os bafeja.

Sidonio Pais — e de certo os seus adeptos de hoje pensam como êle — tentou dar o golpe nos lucros ilicitos e teve o aplauso dos monarchicos e o incitamento dos revolucionarios proletarianos.

O sr. dr. Lopes de Oliveira—que me dizem ser o autor do manifesto radical—de certo não tem o odio politico exacerbado a ponto de esquecer o que todos viam: O barateamento da vida feito pela caçada

aos açambarcadores. Eram êles, quasi todos, democraticos, bons tendeiros e bons republicanos, filiados nos centros e que atribuiam a perseguição politica — os ladrões — áquella tomadia dos seus generos. Na Alfandega foram apreendidos imensos víveres que os comerciantes ali deixavam desde que não lhes era permitido vendê-los pelo preço que sonhavam. Democraticos eram os homens da Associação Commercial e dos Logistas, democraticos os socios dos especuladores da guerra, da qual saíram as tais «fortunas vertiginosas» amassadas à custa da Furness, a entrega dos navios apresados aos alemães e passados aos ingleses, sem o menor contrato. Bem o procurámos nas repartições, quando vencemos, não obtendo resultado as nossas buscas. Pasmaram os ministros e o presidente e quando se tentou, pelo decreto dos lucros de guerra, chegar-se aos favorecidos, apareceram estrangeiros à frente encobrendo portugueses bem pagos no negocio. Era melindroso tocar, nessa epoca, em actos relativos à guerra; a formula de anti-aliado, lançada sobre o governo, salvava as fortunas escandalosas dos empresarios e dos seus cumplices.

E quem eram os empresarios da guerra feita pelo sistema miseravel por que se realisou? Ainda os democraticos, sobretudo Afonso Costa que maior proveito tirou dela e todo o seu bando de comerciantes ligados à preponderancia de Correia Barreto, homens das fabricas de panos, exportadores de lãs, certos banqueiros portuenses, patrocinados por um amigo intimo do chefe demagogico, toda uma caçerva que hoje floresce à custa do sangue e das miserias dum povo.

O presidente Sidonio, que se via obrigado a manter a ordem, dormindo apenas metade das suas sobressaltadas noites, não descurou a acção mas não a soube levar a cabo. Se os papeis de libertador foram conservados por mãos piedosas ou amigas, se outros — alem dos que publiquei — existem, deve estar entre êles um relatorio que lhe enviei e no qual lhe aconselhava duas cousas: o inquerito aos lucros da guerra e o reconhecimento da União Operária Nacional. O primeiro teria a vantagem de dar ao país a satisfação de suas vontades ácêrca dos exploradores; o segundo — com o pão tipo unico, o ensino obrigatorio para os assalariados que trabalhariam 9 horas — englobaria as simpatias do proletariado em tôrno duma revolução que não podia falhar aos seus designios. Viera mas com a força disparar tiros numa atmosfera propicia, fermentada pela impudicia dos estadistas que tinham empregado pinguemente as familias na aurora da republica, sem os protestos e sem os castigos. Nem nesses — Germano Martins, José de Abreu, Artur Costa, Ribas, entrados na administração da justiça, sem provas públicas — o presidente tocou; — nem investigou das cumplicidades do patrono dêles no caso da porta aberta de Angola e no resto. Foi tolerante para a maxima expressão das corrupções. Todavia, chamando o ministro das finanças, Mendes do Amaral, Sidonio mandou-lhe lavrar o decreto relativo aos lucros da guerra. Esqueceu-se de ordenar ao seu ministro do trabalho a aliança com os trabalhadores. Os plutocratas, que começavam a medrar, e hoje proliferam, responderam ao chefe do estado com o encerramento da Bolsa. Caiu o secretario das finanças sem culpas, porque ao presidente falhara-lhe o necessario para agir: a massa proletaria conquistada e posta a passear silenciosamente, aos milhares, diante das fachadas dos plutocratas. Bastava essa parada; o governo, desdenhando essa colaboração, em parte preparada, assegurava a sua tentativa de exterminio dos corrutos, dos ganhões, dos feitos novos ricos por processos infames.

Aqui fica demonstrado que Sidonio não foi apenas, como se diz no manifesto radical, «um simples commissario de policia dos monarchicos para prender os republicanos». Os que iam para as cadeias eram os do unionismo, que, em nome das idéas liberais, batalhavam por seus interesses, quasi todos ricos depois da republica; eram os democraticos, feridos no seu mando, no seu açambarcamento dos fornecimentos para a guerra, e que clamavam, êles, os liberticidas — pela Constituição. Os que se levantavam contra a tentativa ou eram do povo miudo espicaçado pelos grandes, que queriam devorar, ou os negociantes manietados diante da força e que não podiam mais opulentar-se.

Isto succedia não só aos de Lisboa mas até aos que em Londres, em cargos de responsabilidade, negociavam generos por altos preços.

Se assim não fosse, se não houvesse tal cumplicidade, como poderia hoje o partido radical, vir dizer-nos — como uma iniludível e santa verdade:

Nenhuma tentativa de restauração, da Republica, de restabelecimento da normalidade, de organização sistematica, vingou, sob extranhas pressões, viciados os partidos, sofrendo das taras dos seus dirigentes, mediocres e sub-mediocres, alçapremados aos primeiros postos, deploravelmente actuando às cegas ou só com a visão, estreita e sórdida, dos interesses pessoais ou de bando.

Quem tem governado? Os democraticos. Enquanto não os exterminarem, depois de averiguarem de suas fortunas, comanditas e interesses, não poderão os radicais realizar o que esperam da sua revolução triunfante. Terão que os enclausurar e os seus socios de todos os matizes — pois até ha moageiros que se dizem conservadores, êles, os factores da desordem — e seguirão assim no caminho que tanto censuraram em Sidonio Pais.

Quem tinha interesses pessoais ou de bando? Claramente o dizem noutro trecho do seu manifesto, os do radicalismo:

A oligarquia financeira e impessoal, facilmente foge ás responsabilidades; não pode fugir a elas a oligarquia politica que tem chefes visiveis. Derrubando esta, haveremos vencido a ambas, libertando a Nação.

Se é apenas para isto, para chegarem ao poder, derrubando a «oligarquia politica», achando impessoais as plutocracias, então mais valia terem guardado do contacto da rua o seu apontado de razões a que dão solução vaga. O comêço do relatorio tem a vibração de quem procura alcançar, num golpe rapido, os culpados; no fim sente-se que, chegados ao poder, — derrubando o governo — não saberão castigar os velhos crimes. Será um radical falhanço.

Materialmente voltar-se-hão contra os inimigos politicos, esquecendo que a questão é toda social e que dentro do partido monarchico — o qual será o perseguido — ha quem preconise aquilo que Sidonio Pais não fez porque não se quiz apoiar na massa trabalhista.

No manifesto ha apenas radicalismo na doutrina. Mais uma vez se prova que em Portugal os politicos só vêem o que se lhes põe diante, seja um moageiro para lhe fazerem uma venia, seja um pão fino para o devorarem.

As velhas canções populares

As cantigas do povo — O que o povo cantava
ácerca de D. Miguel — Canções da derrota —
As dedicadas a João Franco — As que se fazem
a Afonso Costa

Geralmente não volto a lêr os livros que publico. Saída a segunda edição de *Palmela na emigração*, folheei-a apenas ante-ontem e encontrei um certo sabor, talvez porque não são da minha autoria, nas canções populares do tempo de D. Miguel.

Havia uma loucura à volta do infante que chegava; cantavam-se quadras de pé quebrado, inventavam-se versos de repente e afixavam-se pelos bairros pobres, tendo logo o «contra-canto», a paródia, é o termo, feita pelos constitucionais. Ai dêles, porém, se a estadeassem na rua que era pequena para o vozear dos partidários:

*Rei chegou
Rei chegou
Rei chegou
Em Belem desembarcou
Na barraca não entrou
E aos pedreiros não falou.*

A barraca era um pavilhão que os amigos de D. Pedro tinham mandado erguer no Terreiro do Paço, julgando que D. Miguel vinha para o que jurara. Ele, porém, preferiu aos aplausos oficiais, na grande praça, os dos seus apaniguados e saíu do navio, fóra do lugar que o programa indicava.

Cantigas não faltaram, jamais deixou de haver poetas da rua. E os constitucionais caricaturavam-nas, com espirito ou com insultos:

*Rei chegou
Rei chegou
Rei chegou
Em Belem desembarcou
E logo ali desovou.*

Às ternuras epicas com que os seus narravam, em maus versos, as caricias de mãe para o principe, outros antepunham brutalidades. O odio politico se dá ferocidade até consegue tambem fazer explodir petardos e quadras. Duas especies de engenho.

Ora o infante governou:

*Ai lé! ai lé! ai lé!
Tres vezes! Tres vezes
Viva D. Miguel
Rei dos Portugueses.*

Era a loucura! Que entusiasmos num lado! Que horrores! Que desesperos no outro!

Enfim, passada a grande luta, quando sai, vencido, o idolo, os cantares do populacho eram diferentes:

*E tanto nos seringou
Que por fim convencionou
No navio embarcou
E foi-se embora «o rei chegou».*

São muito curiosas, teem mesmo alguma cousa de singular em sua ingenuidade rimada, estes dizeres da rua para os seus idolos, inimigos e deuses. A canção do povo, feita com fé, leva-lhe a alma; assim saudam os santos, os herois, os adorados, mas quando é a furia que a inspira, ela tem um sibilar de funda, arremeçando pedras molhadas em escrementos.

No tempo de João Franco as creancinhas cantavam, numa toada doce de certa modinha banal:

*Pedi ao céu, pedi a Deus
E à Virgem pura
Que leve depressa
Que leve depressa
A dictadura.*

Hontem, nas mesas da Brasileira do Chiado, os freguezes entretinham-se a escrever esta quadra coxa, que o povo inventou e canta no remoer do fadinho:

*Um Costa matou o rei,
Outro Costa o presidente,
Agora vem outro Costa
P'ra acabar com a gente.*

E eis como, ao lado da historia, grave, ponderada, hirta, academica, saltita, vibra, irrita e alegre a outra historia: a que o povo faz cantando.

